

## “GUIA DE CURIOSIDADES CATÓLICAS”

por Evaristo Eduardo de Miranda

**Em síntese:** *O livro é uma coleção de histórias e reflexões que o autor propõe para explicar costumes, símbolos e folclore católicos. Apresenta interessantes dados históricos ao lado de lendas; o tom da obra é um tanto zombeteiro.*

\* \* \*

Evaristo Eduardo de Moraes é agrônomo. Interessa-se pelo Catolicismo, que ele estudou não a fundo, mas o suficiente para coletar costumes, causos, festanças e símbolos, que o autor comenta no livro “Guia de Curiosidades Católicas”<sup>1</sup>. A obra é interessante pelo acervo de informações verídicas ou não, que oferece. Infelizmente é um tanto irreverente e zombeteiro. Eis alguns títulos de capítulo do livro: “As 20 estranhezas sobre Quaresma, São Jorge e 1º de abril”, “As 20 festanças do Divino, da Trindade e de Corpus Christi”, “Virgem Maria: as 30 histórias de noivas, aparições, pílula e ovnis”... Ao lado, porém, desses capítulos nem sempre reverentes, o autor oferece ao leitor notícias religiosas, das quais alguns espécimens vão abaixo transmitidos a partir das pp. 237-240.

### **140. O que a Igreja tem a ver com o 1º de abril?**

*Paradoxalmente ou não, o dia do trote e da mentira tem a ver com a Igreja Católica. Em 1564, o rei da França Carlos IX adotou o calendário gregoriano, o calendário do papa. O ano até então se iniciava no dia 1º de abril. A tradicional troca de presentes pela passagem do ano transferiu-se, com o novo calendário, para o dia 1º de janeiro. Alguns franceses resistiram à mudança e continuaram a seguir o calendário antigo e até mantiveram a troca e festas nessa data. Para ter-se uma idéia do conservadorismo francês, basta lembrar: até a entrada em vigor da moeda européia, o euro, muitos franceses ainda calculavam e referiam-se não ao franco, mas ao antigo franco, uma moeda substituída em 1958! Bem, lá no século XVI, os gozadores, para ridicularizar quem resistia ao novo calendário, passaram a enviar-lhes presentes esquisitos e convites para festas inexistentes no dia 1º de abril. Essas brincadeira ficaram conhecidas como palisanteries. A brincadeira do trote do 1º de abril espalhou-se pelo mundo, atingindo progressistas e conservadores.*

<sup>1</sup> *Guia de Curiosidades Católicas*, por Evaristo Eduardo de Miranda, Ed. Vozes.

### 356. Qual é a confusão dos meses e anos na Bíblia?

Medir o tempo também não é para principiantes. Os meses (*mensis*) têm como raiz o verbo *medir* e evocam medida percorrida, atravessada ou caminhada. Nunca foi fácil medir o tempo, nem os meses. Na Bíblia, o calendário é uma grande confusão. Antes do exílio na Babilônia, a contagem do tempo dos hebreus era outra. Ninguém se assuste com personagens bíblicos vivendo alegremente 600 ou 900 anos. Os primeiros calendários bíblicos refletiam uma sociedade agrícola primitiva. Um dos calendários mais antigos e rudimentar foi descoberto por arqueólogos, perto do local da antiga cidade de Gezer, na Palestina. O que pode ser decifrado fazia referência a oito meses. Como nos almanaques agrícolas mencionava um mês de colheita das frutas; um mês de plantio; um mês de “pós-grama”; um mês de colheita do linho; um mês da colheita da cevada; um mês de “tudo o mais”; um mês de podar as vinhas e um mês da colheita dos figos. Conhecem-se apenas alguns meses bíblicos esquecidos: Aviv e Ziv na primavera; Bul e Etanim no outono.

### 357. De onde vêm os nomes dos meses?

Quem definiu janeiro como o primeiro mês do ano foi o imperador romano Júlio César, ao estabelecer o chamado calendário juliano. Acertou na etimologia. Janeiro era consagrado a Jano, o deus bifronte. Ele protegia entradas e saídas, e dos começos. Com sua dupla face ele abria e unia o interior e exterior, transições e passagens. De seu nome deriva a palavra janela. No antigo calendário romano o ano começava em março. Por essa razão, o nono mês do ano chama-se setembro, pois era o sétimo.

### 358. Quando o ano civil e solar coincidiram?

Em 1582. Se dependesse do movimento da terra em torno do sol, a passagem do ano nunca seria à meia-noite, pois o ano solar dura 365,2422 dias. Para festejar sempre à meia-noite a virada do ano, o número de dias do ano deveria ser um inteiro e não uma fração. Os acertos do calendário juliano não foram suficientes para acertar o calendário civil e o solar. O ajuste final do calendário atual para tornar isso possível foi feito pelo Papa Gregório XIII. O atual calendário resolveu um monte de problemas dos anteriores e foi promulgado pelo Papa Gregório XIII a 24 de fevereiro do ano 1582, substituindo o calendário juliano. O jeito atual de contar o tempo ainda não tem 500 anos de existência. Conhecido como calendário gregoriano, ele é utilizado na maior parte do planeta.

### 359. O calendário católico tem ISO 8000?

Sim, e é o único. A sigla ISO vem da Organização Internacional de Normatização (International Organization for Standardization – ISO). O calendário gregoriano hoje é o padrão internacional, reconhecido por insti-

tuições internacionais como a Organização das Nações Unidas ou a União Postal Universal. Isso justifica-se tanto pelo peso da tradição ocidental quanto pela precisão astronômica do calendário gregoriano. Hoje tem até uma ISO específica para datar: a ISO 8601.

### 360. Como foi feito o calendário gregoriano?

Ele resultou de cindo anos de estudos de um grupo de especialistas convocados pela Santa Sé. Corrigiram-se erros relativos à medição do ano solar, estimando-se sua duração em 365 dias solares, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos. O ano novo passou a começar sempre em 1º de janeiro. Introduziu-se um mecanismo matemático para considerar quando um ano seria realmente bissexto: ser divisível por 4, não terminar em duplo zero, exceto os divisíveis por 400. Obedecida essa regra, o ano bissexto ocorre a cada quatro anos, após o último ano bissexto. O primeiro ano bissexto do século XXI foi 2004. Lentamente, o calendário gregoriano foi implementado em várias nações. Ainda no século XX houve adesões ao calendário gregoriano.

### 362. Quais as diferenças entre ano civil e litúrgico?

Na vida social e civil comemoram-se datas e fatos ocorridos uma única vez, no passado. Ninguém nasce duas vezes. O Brasil não foi descoberto três vezes. Esses fatos, já sucedidos, não acontecerão nunca mais, mesmo se influenciam a vida das pessoas até hoje. No Ano Litúrgico é diferente. A Igreja vive no tempo presente de cada cristão todos os aspectos da salvação operada por Jesus Cristo. Para os católicos, os mesmos fatos ocorridos na Terra Santa há mais de 2.000 anos são rememorados e vivenciados na e com a presença de Jesus Cristo, nos dias de hoje. Para os cristãos, em cada Natal Jesus nasce no seio das famílias. Ele padece e morre na cruz na Semana Santa, ressuscita na Páscoa e derrama o Espírito Santo em Pentecostes. Esses acontecimentos não estão organizados de forma temporal coerente, nem foram datados segundo um calendário civil nos evangelhos e textos do Novo Testamento. O Ano Litúrgico organiza essas celebrações e comemorações de uma forma coerente e espiritual, na perspectiva da Igreja.

O autor quer assim dizer que as festas litúrgicas católicas não são meras comemorações do passado (como são as celebrações civis). Mas são a perpetuação do passado, mas perpetuam o mistério da vida de Cristo que se torna presente através dos sacramentos.

O livro, em suma, pode ser útil pela riqueza de informações que fornece, mas muitas vezes é impreciso e levemente irreverente ao abordar a Virgem Maria, as indulgências, a figura do certos santos (p. ex., os compadres Antônio, Paulo e João).